UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA UNIVERSITÁRIO DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL
CONSELHO TÉCNICO DE ECONOMIA — INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

O ARTESANATO DO CHAPÉU DE PALHA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DE SOBRAL

N.Cham. 677.54 C38a
Autor: Ceara.Universidade
Título: O artesanato do chapeu de palha
001038842 Ac. 32837
BCA

FORTALEZA
ABRIL DE 1967

Universidade Federal do Ceará
Programa Universitário de Desenvolvimento Industrial
Conselho Técnico de Economia — Instituto de Antropologia

O ARTESANATO DO CHAPÉU DE PALHA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DE SOBRAL

BIBLIOTECA
CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA
IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ
ABRIL DE 1967

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL
703/67

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
ESCOLA DE ENGENHARIA
BIBLIOTECA
2749
27/10/1971

677.54(813.12)
C38a
1967
ex. 1

677.54
C38a

APRESENTAÇÃO

Atendendo solicitação de um grupo de empreendedores da área de influência de Sobral sôbre a viabilidade de um melhor aproveitamento da palha de carnaúba na confecção de chapéus e, possìvelmente, uma reorganização desta atividade artesanal, o Programa Universitário de Desenvolvimento Industrial da Universidade Federal do Ceará se propôs realizar estudo que permitisse chegar ao conhecimento do problema.

a) *Natureza da pesquisa*

Sendo o artesanato do chapéu de palha atividade que, logo à primeira vista, evidencia implicações de ordem social e econômica, necessário se fazia realizar trabalho de natureza interdisciplinar, *abrangendo estudos econômicos, geográficos e sociológicos, de modo que se considerassem os diferentes ângulos da questão.*

A pesquisa, preliminar, apenas um levantamento, reuniu técnicos em Economia, Geografia e Antropologia, os quais se propuseram estudar a produção e a comercialização do chapéu de palha de carnaúba na área de influência de Sobral, em suas implicações geo-econômicas e socioculturais.

A realização do estudo compreendeu trabalhos de campo e de gabinete, distribuídos nas seguintes etapas:

1.ª) *dezembro de 1965 — visão geral do assunto, excursão preliminar na área de Sobral, hipótese de trabalho;*

2.ª) *janeiro de 1966 — organização de questionários, preparação de entrevistas e de pessoal para os trabalhos de campo;*

3.ª) *fevereiro de 1966 — realização dos trabalhos de campo;*

4.ª) *março e abril de 1966 — apuração dos resultados e análise das observações; preparação do relatório.*

Para a efetivação dêste trabalho, o Programa Universitário de Desenvolvimento Industrial solicitou a colaboração do Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará, para os estudos socioculturais; e do Conselho Técnico de Economia, para o estudo econômico. A parte geográfica estêve a cargo do próprio Programa Universitário de Desenvolvimento Industrial.

b) *Objetivos*

Constituíram objetivos gerais:

— *distinguir os municípios ou áreas de maior concentração da atividade artesanal do chapéu na área de influência de Sobral;*

— *conhecer o papel e a problemática dêste artesanato, nos seus aspectos econômicos, geográficos e sociológicos;*

— *destacar os mecanismos da produção e da comercialização do chapéu de palha;*

— *quantificar o mercado atual e avaliar as possibilidades de novas perspectivas;*

— *visualizar medidas a serem tomadas na área privada, a fim de, simultâneamente, melhorar os padrões da produção e os níveis de vida da população.*

Êsses objetivos seriam alcançados através do estudo do contexto econômico, geográfico e sociológico do assunto, mediante os objetivos específicos *de cada setor. Assim:*

Pesquisa econômica:

— *conhecer a atual estrutura de comercialização, beneficiamento e exportação do chapéu de palha, nas suas diversas etapas de operação;*

— *avaliar as possibilidades de incremento na renda do artesão através de: transferência de parte dos lucros dos intermediários; melhoria dos processos atuais de confecção dos produtos; criação de novos modelos artesanais, visando a obter uma simplificação ou melhor padronização dos artigos atualmente fabricados.*

Pesquisa geográfica:

— *localizar a ocorrência e a fôrça da atividade artesanal do chapéu na área de influência de Sobral;*

— *quantificar a matéria-prima atualmente utilizada e avaliar as disponibilidades futuras;*

— *destacar a relação entre a atividade artesanal e as diferenças entre estação chuvosa e estiagem;*

— *relacionar a ocorrência de carnaubais, artesanato do chapéu e outras atividades da população;*

— *avaliar o potencial humano ocupado como fôrça de trabalho na atividade artesanal;*

— *distinguir o papel do trabalho artesanal nas diferentes unidades geográficas da área;*

— *medir a importância do artesanato da palha no conjunto das atividades regionais.*

Pesquisa sociológica:

— *conhecer a organização social dos grupos artesanais;*

— *distinguir as implicações sociais da tecnologia artesanal;*

— *destacar os aspectos sociais da produção e mercantilização do chapéu de palha;*

— *estudar a possibilidade de organização da atividade artesanal no sentido da valorização dos grupos artesanais.*

c) *Área do estudo*

Considerando, preliminarmente, os dados referentes à existência da matéria-prima e as informações quanto à confecção de chapéus de palha; e após uma excursão de reconhecimento na área mais próxima à cidade de Sobral (vales do Acaraú, do Coreaú e serra da Meruoca), foi sentida a im-

portância de realizar estudos em municípios bastante representativos quanto ao artesanato do chapéu, como Sobral e Massapê. Por outro lado, observações paralelas ou complementares mostravam-se necessárias em Coreaú, Alcântaras e Meruoca.

Nestes cinco municípios poder-se-ão destacar os diferentes aspectos da problemática do artesanato do chapéu de palha na área de influência de Sobral no Ceará.

d) *Grupo de trabalho*

A realização da pesquisa reuniu o seguinte grupo de trabalho:

a) Pessoal técnico:
— *Antropologia:* *Baltazar Coelho Neto*
João Pompeu de Souza Brasil
— *Economia:* *Luiz Carlos Braga Soares*
— *Geografia:* *Anna Carvalho*
b) Bolsistas: *(estudantes de Economia e Geografia):*
Dayse Holanda Cavalcante
José Soares Sobrinho (Economia)
Katharina Markan Ferreira Gomes
Maria Florice Rapôso Pereira
Marcos José Nogueira de Souza
Maria de Lourdes Rocha dos Santos

A coordenação geral dos trabalhos estêve a cargo do Departamento de Pesquisas e Estudos Básicos do Programa Universitário de Desenvolvimento Industrial, sob a responsabilidade da geógrafa Anna Carvalho, também profes-

BIBLIOTECA
CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

sôra do Departamento de Geociências da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.F.C. e que tem prestado valiosa contribuição na realização de estudos regionais, tendo sempre em conta a interação do Homem com o Espaço Geográfico.

Cumpre destacar o papel desempenhado pelo economista Luiz Carlos Braga Soares, do Conselho Técnico de Economia, tanto nos estudos necessários à interpretação econômica do artesanato estudado, como na organização do texto final e na supervisão da confecção da presente publicação.

A coordenação do PUDINE tem a convicção de que ao divulgar êste trabalho, graças ao apôio da Imprensa Universitária do Ceará, está prestando mais uma contribuição para a solução de angustiosos problemas que atingem dezenas de milhares de cearenses devotados a tão belo artesanato.

Fortaleza, abril de 1967

João José de Sá Parente
Coordenador Geral

PARTE I

A PESQUISA

1. — *ORIGEM E EXPANSÃO DO ARTESANATO DO CHAPÉU*

Antes do aparecimento, em Sobral, da técnica de trançar palhas, que viria possibilitar a implantação do atual artesanato do chapéu, havia já, sem dúvida, disseminadas pelas comunidades da região, duas atividades artesanais de pequena expressão econômica.

Uma delas dedicava-se ao trançado de chapéus rústicos, tipo "casco de peba", sem acabamento artístico, confeccionados com técnica rudimentar; herança cultural de antigos indígenas.

A outra atividade aplicava-se à renda de bilros, utilizando técnica mais aprimorada; difusão cultural portuguêsa, cujo produto gozava de grande prestígio entre as classes dominantes.

Diferentes versões históricas relatam a origem do atual artesanato do chapéu de palha na área de Sobral. Sabe-se, através delas, que ocorreu há pouco mais de 60 anos.

Nesta época, tal atividade já era conhecida na região do baixo Jaguaribe, principalmente em Aracati. Segundo informações orais colhidas em Sobral, coube a um dos benfeitores da terra sobralense a iniciativa de para ali levar os conhecimentos dos artesãos jaguaribanos: teria conseguido a ida de uma família de Aracati para Sobral, com a missão de ensinar a técnica do trançado a outras famílias da ribeira do Acaraú.

Segundo outros, a introdução de novos modelos de chapéu de palha em Sobral deve-se a Ernesto Deocleciano de Albuquerque, destacado homem de negócios, que, por volta de 1900, retornando de uma viagem a Aracati, trazia para Sobral seis chapéus de palha cujo trançado era desconhecido na Zona Norte.

Expostos à venda, na sua loja, foram adquiridos três por engenheiros que construíam o prolongamento ferroviário Sobral — Ipu, que preferiram aquêles chapéus aos de fêltro ou outros materiais pouco adequados ao calor.

Ernesto Deocleciano mandou, então, chamar um caboclo muito habilidoso da serra da Meruoca e que, tomando um dos chapéus para modêlo, conseguiu reproduzi-lo. Ensinou a técnica a cinco irmãs, que logo aprenderam e confeccionaram os primeiros chapéus vendidos nas feiras de Sobral.

Aos poucos, aquela nova técnica artesanal foi se difundindo entre as mulheres da comunidade. Gradativamente, foram abandonando a confecção da renda de bilros, dada a aceitação que o nôvo tipo de chapéu de palha obtinha no comércio. Ia êle também suplantando os chapéus rústicos, tipo "casco de peba" ou "coringa", cuja aceitação comercial e desenvolvimento como atividade econômica deixava a desejar: trançado e acabamento muito rudimentares, confecção exigindo muito tempo.

Assim implantou-se, com relativa rapidez, o artesanato do chapéu de palha em Sobral e circunvizinhanças.

Inicialmente os chapéus eram de qualidade inferior, com características grosseiras, já que os futuros artesãos apenas se iniciavam no aprendizado. A aprendizagem e a aceitação foi-se generalizando. Ambulantes e corretores começaram a adquirir o produto para vender nas feiras e mercados mais distantes.

Por outro lado, a séca provoca a emigração do sertanejo para outras regiões do País. E êle levou consigo o tradicional chapéu de palha para os seringais do Norte ou os cafèzais do Sul.

Já em 1910, algumas firmas sobralenses, que comerciavam com Belém do Pará, vendiam partidas de chapéus para aquela região. E o mercado, afirmado no Norte, ia-se expandindo pelo Maranhão e Piauí.

A expansão do mercado incentivava o progresso do artesanato, em produção e área.

Em 1950, o exportador Guilherme Ehrich compra, em São Paulo, algum equipamento e instala, em Sobral, a primeira fábrica para dar acabamento industrial aos chapéus. As indústrias Prado e Ramenzoni já vinham, em São Paulo, realizando êste trabalho.

Em Sobral estruturou-se um sistema de aprimoramento e distribuição de tipos.

Atualmente, a produção e a comercialização do chapeu de palha fazem desta cidade o maior centro artesanal de chapéus do Nordeste, com um volume de operações que supera produtos antes considerados de principal importância.

2. — *MATÉRIA-PRIMA*

A matéria-prima utilizada na confecção do chapéu é a palha de carnaúba, que tem seu *habitat* natural nas várzeas dos principais vales do Estado, especialmente do Jaguaribe, Acaraú e Coreaú. (Foto 1)

2.1 — *Potencial da área*

Segundo pesquisa realizada pelo Conselho Técnico de Economia, em 1964 e 1965, a estimativa sôbre a quantidade total de palhas de carnaúba na área do artesanato do chapéu tem a seguinte distribuição:

Municípios	*Quantidade de palhas:*
Acaraú	37.392.200
Bela Cruz	11.852.400
Camocim	18.189.700
Cariré	10.518.400
Coreaú	6.882.960
Frecheirinha	1.598.900
Granja	193.969.090
Groaíras	9.804.000
Marco	11.783.870
Martinópole	18.036.000
Massapê	2.601.000
Moraújo	11.467.530
Morrinhos	10.046.000
Mucambo	1.329.200
Pacujá	2.148.536
Reriutaba	9.456.270
Santana do Acaraú	17.293.800
Santa Quitéria (distrito de Macaraú)	2.178.880
Senador Sá	6.922.656
Sobral	24.427.520
Uruoca	26.580.300
	434.479.212

Êstes municípios são os que habitualmente fornecem palhas para a atividade artesanal da área. Em certos anos, tendo havido crises na produção, houve solicitações a outros municípios mais distantes.

Necessário se faz esclarecer que êste potencial representa estimativa da quantidade total de palhas dos carnaubais existentes nos municípios acima relacionados. Ressalte-se, entretanto, que apenas cêrca de 20% dêsse total, ou sejam, 86.895.151 palhas, pode ser aproveitado na confecção de chapéus. O restante é imprestável para esta utilização.

2.2 — *Classificação e tipos*

Não existe pràticamente uma classificação no que diz respeito aos tipos de palha empregados na confecção de chapéus.

A carnaúba fornece, em média, cinco palhas cada ano possíveis de ser utilizadas na confecção de chapéus de palha. São os "olhos". Nas épocas do corte, aquelas que se encontram em sentido vertical e completamente fechadas são duas, cada ano, em média. (Foto 2)

Êstes "olhos" são, geralmente, vendidos na cidade de Sobral, para a confecção de chapéus de qualidade superior (Brasil, Cristal, Crivo Fino).

Classificamos a palha dos mesmos como sendo de tipo "especial", já que tal cuidado de seleção é característico ao município de Sobral.

As demais palhas ou "olhos", que na palmeira se encontram semi-abertas e que são de uso generalizado em tôda a área do artesanato, enquadram-se nos tipos de primeira e de segunda, variando sua classificação conforme as dimensões e a tonalidade.

2.3. — *Obtenção*

Tradicionalmente, os proprietários de carnaubal realizam dois cortes anuais na palmeira: geralmente nos meses de agôsto-setembro e dezembro-janeiro. Atualmente, por motivos de ordem climática e econômica, os proprietários em grande parte do Litoral e da zona jaguaribana (maior produtora do Estado) estão, em sua quase totalidade, realizando um único corte, no mês de novembro.

A Zona Norte, talvez motivada pela grande necessidade de palha para o trabalho artesanal, continua seguindo, mais comumente, a tradição.

O primeiro corte, geralmente em agôsto ou setembro, depende sempre das condições do "inverno" anterior. Se

foi fraco, o trabalho é antecipado; um longo "inverno" retarda a época do primeiro corte.

O segundo corte, na dependência do primeiro, realiza-se em novembro ou dezembro.

Quando a estação chuvosa começa muito cedo, já em novembro ou dezembro, o corte é suprimido, já que as chuvas prejudicam a formação do pó e estragam as palhas, que se tornam imprestáveis para a confecção de chapéus.

Em conseqüência disso, dois problemas se apresentam: a estocagem insuficiente da matéria-prima e a elevação do seu preço.

Os carnaubais com maior produção de palha situam-se no vale do Coreaú, destacando-se o município de Granja, o maior produtor.

2.4. — *Circulação e transporte*

A movimentação da palha dentro da área é bastante intensa.

Os municípios de maior concentração artesanal, situados aproximadamente num raio de 40 km em relação a Sobral, não possuem produção suficiente para atender a demanda.

Assim, durante a safra e, em menor escala, durante o resto do ano, corretores, através de caminhões ou comboios de jumentos, fazem o suprimento dos consumidores com palha originária de municípios mais distantes, mais próximos do litoral, nos quais há bons excedentes de produção, como Granja, Uruoca, Acaraú, Bela Cruz, Morrinhos e outros.

Não se observa correlação entre distância e tipo de transporte utilizado. Racionalmente, poder-se-ia pensar que a palha procedente dos municípios mais distantes seria transportada em caminhões, cabendo aos comboios de animais o transporte a curta distância.

A pesquisa constatou, no entanto, que de tôdas as distâncias existe transporte de palha nas duas modalidades.

Deve-se tal fato, provàvelmente, às deficiências dos transportes e estradas, sobretudo no "inverno" e à procura intensiva da palha nos principais centros consumidores.

O caminhão cobra, em média, variando um pouco conforme a distância, a importância de Cr$ 2.000 por milheiro. As despesas com o comboio, que em geral pertence ao corretor, são sòmente os gastos com a alimentação para o comboieiro e os animais, no decorrer da viagem. Cada animal transporta 500 palhas.

2.5. — *Distribuição, consumo e preços*

Como há variação dos tipos de palha utilizados na área mais próxima a Sobral, em comparação aos demais municípios do artesanato, interessante é distinguir o que se verifica nas duas áreas:

2.5.1. — *Área do município de Sobral*

A palha, transportada por corretores, é exposta à venda na feira e no mercado da cidade de Sobral. Êste movimento ocorre em tôdas as quartas e sábados, no que se refere à feira; durante tôda a semana, quanto ao mercado (a "pedra", conforme a denominação das artesãs).

Realizam-se operações mercantis que, a preços de fevereiro de 1966, são as seguintes:

(por milheiro)
(Cr$)

Tipos	Preço de compra na fonte, inclusive frete	Preço de venda por atacado	Preço de venda por unidade
Especial	14.800	16.000	20
Primeira	8.800	10.000	12
Segunda	6.500	8.000	10

BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Os compradores por atacado são revendedores. Transportam a palha para distribuição em outros municípios, como Meruoca e Alcântaras, ou a revendem nos bairros de Sobral, aos seguintes preços:

Tipos	Preço por cento (Cr$)
Especial	3.000
Primeira	1.500
Segunda	—

A palha de Cr$ 3.000 destina-se à confecção dos tipos finos de chapéu: Cristal, Brasil, Crivo Fino; a de Cr$ 1.500 é utilizada no Campina, o tipo mais comercial da área do artesanato.

A artesã, individualmente, adquire, quando pode, o meio-cento. É, entretanto, freqüente a compra de poucas unidades, e comum a preferência pela compra na "pedra" (no mercado) onde a unidade tem preço mais baixo.

2.5.2. — *Demais municípios da área do artesanato*

Nos demais municípios, o mecanismo de distribuição e preço da palha é, em geral, o que se segue:

Preços
(Cr$)

Tipos	Compra na fonte, inclusive frete (milheiro)	Venda para o armazenista (milheiro)	Venda do armazenista ao bodegueiro (milheiro)	Venda do bodegueiro ao artesão (cento)
Primeira	8.500	10.000	11.000	1.300
Segunda	5.000	6.000	6.500	800

A palha de 1.300 cruzeiros o cento será usada nos tipos de chapéu Campina, Fluminense, Zero etc; a de Cr$ 800,

nos tipos Cearense, Caravana e outros de categoria semelhante.

O consumo de palha por chapéu, em ambas as áreas estudadas, é, em média, igual a 1 palha e 25 para cada chapéu.

O preço da palha oscila sempre em função da abundância ou escassez da produção.

Os pequenos centros rurais, e mais distanciados dos carnaubais, são os mais atingidos pela elevação do preço, principalmente durante o "inverno", quando se colocam os problemas de estocagem, ao tempo em que encarece a operação do frete, dada a precariedade dos meios de transporte.

As condições climáticas influem, pois, diretamente, em tudo o que diz respeito à palha de carnaúba. Como bem se expressou um informante: "o que dá o preço da palha é o tempo".

2.6. — *Conservação*

A conservação da palha no período chuvoso é um dos principais problemas do artesanato do chapéu.

A produção resultante do segundo corte na palmeira e a necessidade de matéria-prima no período pós-invernoso forçam a manutenção de grandes estoques.

A umidade provoca deterioração na palha (mudança de côr, môfo), principalmente na "especial" e na de primeira qualidade, que perdem logo o alvejamento adquirido pela exposição à luz solar.

Para preservar as qualidades da palha é necessário guardá-la em estufas, ao abrigo da umidade. São os paióis ou palheiros. Consistem em um compartimento dentro de casa, completamente isolado do piso e das paredes por armações de madeira preenchidas com palha ordinária, a fim de isolar completamente o ambiente interno que vai ser preenchido pela palha a ser conservada.

Quando lotado, o paiol é logo fechado. Só será reaberto quando findar o "inverno". Evidentemente, a estocagem é feita no fim da estação sêca ou início da chuvosa.

Em todos os centros de comércio da palha na zona do artesanato encontram-se êstes paióis, geralmente de corretores ou armazenistas do produto. São também encontrados em grandes propriedades de carnaubais.

Caso a palha não seja conservada dessa maneira, tem de ser constantemente exposta ao sol, o que não é sempre possível se o "inverno" é muito chuvoso. Êste é um sério problema para as artesãs, pois sua produção de chapéus na estação das chuvas torna-se diminuta.

3. — *PRODUÇÃO DO CHAPÉU*

3.1. — *Quantidade e valor*

A inexistência de dados oficiais impõe a estimativa, com base em informações obtidas através de pessoas de experiência e comprovada idoneidade no comércio do chapéu.

Conforme essas fontes, o valor da produção do chapéu de palha em 1965 elevou-se a 1 bilhão e oitocentos milhões de cruzeiros, aproximadamente.

Com base nessa estimativa, e sabendo-se que o preço-médio do chapéu na fonte produtora gira em tôrno de 68 cruzeiros, a quantidade produzida na área, no referido ano, foi igual a 27.692.307 chapéus.

3.2. — *Estimativa da produção máxima*

Considerando a possibilidade de aproveitamento total da matéria-prima da área, e caso outras condições fôssem satisfeitas, ter-se-ia uma produção de 69 milhões e 600 mil chapéus ao ano. Isto equivaleria, a preços atuais, a um va-

Foto 1
Carnaubal

Foto 2
Os "Olhos" da Carnaúba

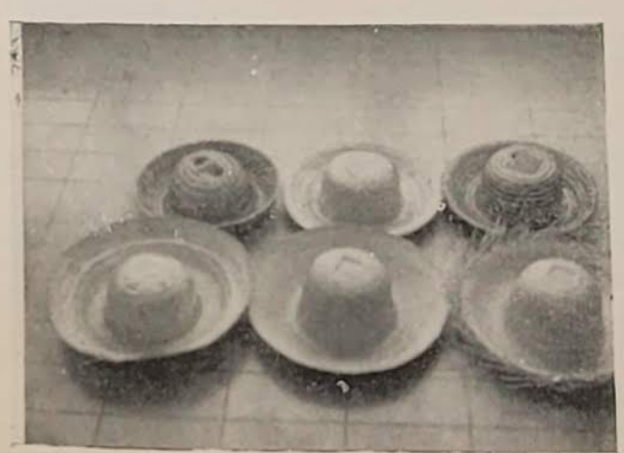


Foto 3
Alguns Tipos de Chapéu

lor de 4 bilhões e 732 milhões de cruzeiros. Mais do dôbro do atualmente conseguido pela produção de chapéus.

O quadro abaixo ilustra estas informações:

Produção anual de palhas na área (números redondos)	Aproveitamento provável de 20% na confecção de chapéus	Quantidade média de palhas por chapéu
435.000.000	87.000.000	1,25

Produção máxima possível de chapéus ao ano	Valor da produção aos preços atuais (Cr$ 1.000)
69.600.000	4.732.000

3.3. — *Tipos produzidos*

Verifica-se a confecção de variados tipos de chapéu na área, diferenciados em três categorias, conforme a qualidade da matéria-prima e do trabalho realizado pelo artesão:

Tipo fino — Cristal, Brasil, Crivo Fino
Tipo médio — Campina, Fustão
Tipo grosseiro — Fluminense, Zero, Cearense, Pitibu, Gigante, Palma, Caravana (Foto 3)

Nos tipos finos, a palha utilizada é a "especial", cortada ou "riscada" (como dizem as artesãs) em fitas bem estreitas, dando chapéus mais aprimorados e flexíveis.

Os tipos grosseiros são confeccionados com a palha de segunda, e mesmo de primeira, esverdeada, cortada em tiras relativamente largas, resultando em chapéus rústicos. Alguns reunem duas "capas" costuradas, para maior resis-

BIBLIOTECA CENTRAL UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

tência, como o Fluminense e o Zero; outros, para disfarçar a qualidade inferior da palha, são tinturados em diferentes coloridos que se cruzam no trançado, como no Pitibu e no Caravana.

Os chapéus do tipo médio, como o Campina, utilizam geralmente palha de primeira, "riscada" em tiras estreitas; palha clara, sem qualquer deterioração decorrente da ação da umidade, como a alteração de côr ou o môfo.

3.4. — *Área produtora*

Dentro da área de influência da cidade de Sobral, a confecção de chapéus de palha constitui atividade da maior importância para a população de vinte e um municípios, situados nos vales do Acaraú, do Coreaú e na serra da Meruoca.

3.4.1. — *Delimitação geográfica*

Na bacia do Acaraú, é intenso o trabalho artesanal nos municípios de Bela Cruz, Cariré, Groaíras, Pacujá, Reriutaba, Marco, Massapê, Morrinhos, Mucambo, Santana do Acaraú, Santa Quitéria (distrito de Macaraú) e Sobral.

No vale do Coreaú destacam-se: Coreaú, Frecheirinha, Granja, Martinópole e Moraújo.

Na serra da Meruoca, nos dois municípios que a constituem (Alcântaras e Meruoca), a confecção do chapéu de palha representa atividade da maior importância para a população.

Ao Norte daquela serra, entre as bacias do Acaraú e Coreaú, nos municípios de Senador Sá e Uruoca, é igualmente representativo o artesanato do chapéu.

Desta distribuição algumas constatações sobressaem: o artesanato do chapéu é atividade característica dos vales, nos

MUNICÍPIOS:

1. Acaraú
2. Alcântaras
3. Batoque
4. Bela Cruz
5. Camocim
6. Cariré
7. Carnaubal
8. Chaval
9. Coreaú
10. Crateús
11. Frecheirinha
12. Gal. Sampaio
13. Granja
14. Groaíras
15. Guaraciaba do Norte
16. Ibiapina
17. Independência
18. Ipu
19. Ipueiras
20. Irauçuba
21. Itapajé
22. Itapipoca
23. Marco
24. Martinópole
25. Massapê
26. Meruoca
27. Mons. Tabosa
28. Moraújo
29. Morrinhos
30. Mucambo
31. Nova Russas
32. Nôvo Oriente
33. Pacujá
34. Poranga
35. Reriutaba
36. Santa Quitéria (dist. de Macaraú)
37. Santana do Acaraú
38. São Benedito
39. Senador Sá
40. Sobral
41. Tamboril
42. Tianguá
43. Ubajara
44. Uruburetama
45. Uruoca
46. Viçosa do Ceará

quais é dominante a presença dos carnaubais. Excepcionalmente, porém, constitui elemento de importância na serra ou pé-de-serra, onde a carnaúba não existe. Fato que, certamente, tem explicação na problemática da agricultura e do trabalho compensador para as populações locais.

Na serra da Meruoca, a importância da confecção do chapéu deve-se explicar não só pela falta de trabalho e diversificação de atividades, como pela fôrça de atração do

produto exercida pela cidade de Sobral, bem próxima, que, assim, supera o problema da inexistência da matéria-prima. A palha sobe do sertão; e o serrano vende o chapéu no momento que é terminado. É uma das poucas atividades que lhe permitem acesso a dinheiro.

Por outro lado, é interessante ressaltar a existência de municípios produtores de palha, na grande área de influência de Sobral, nos quais não é expressivo o artesanato do chapéu. É o caso de Acaraú e Camocim, fato, provàvelmente, ligado à distância de Sobral e às dificuldades de comercialização, principalmente por deficiência de estradas.

Destaca-se, no entanto, em Acaraú, a produção de surrões confeccionados com esteiras. Artesanato, certamente, relacionado à comercialização do peixe naqueles municípios do litoral.

De tôda maneira, a atividade artesanal é sempre mais intensa nas cidades, vilas e povoados que em pleno meio rural.

Interessante é, ainda, ressaltar o aspecto de expansão recente que vem tendo a área do artesanato do chapéu: em municípios mais distantes de Sobral, como Bela Cruz, Marco e Morrinhos, sòmente há pouco mais de dois anos a produção de chapéus vem tomando certo vulto.

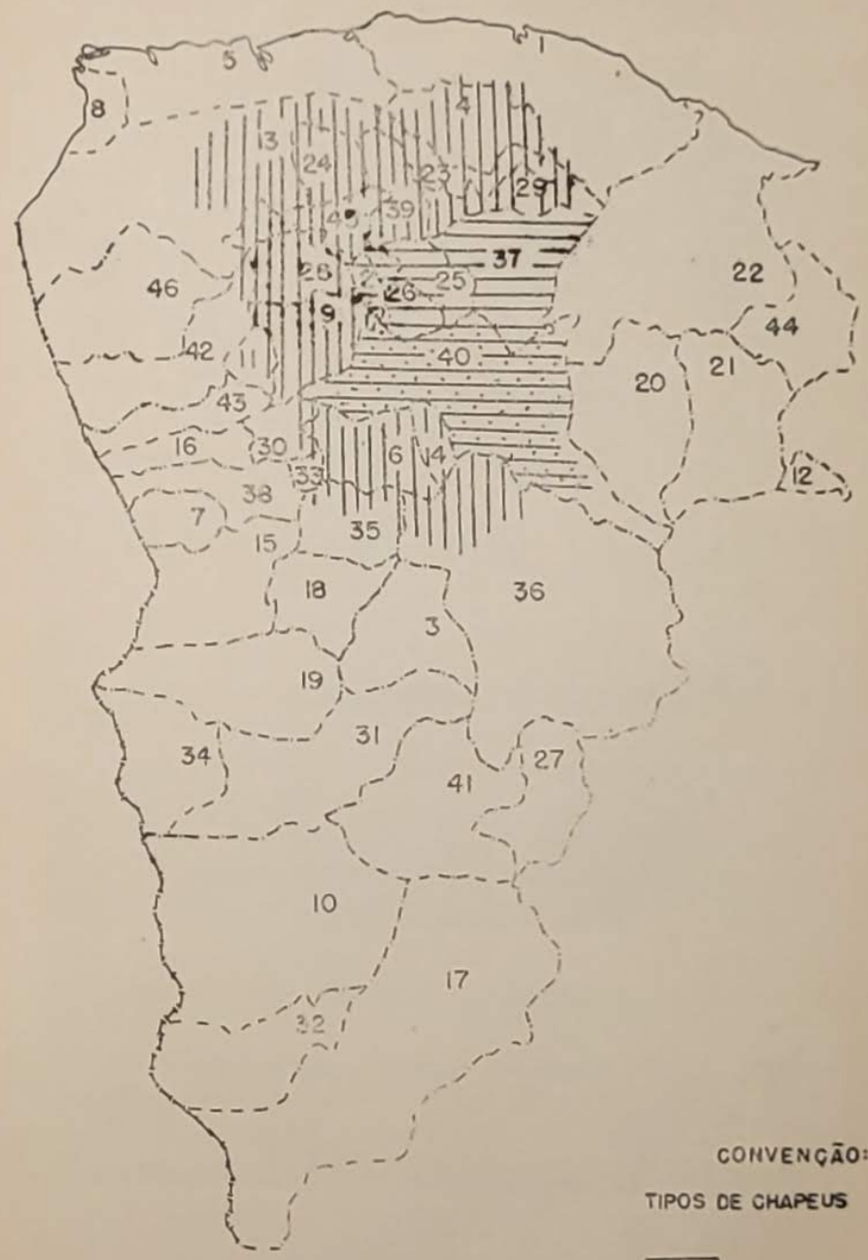
3.4.2. — *Correlação entre tipos e área de produção*

Observa-se, nitidamente, uma correlação entre a confecção de determinados tipos de chapéu e a distância ou dificuldade de circulação e transporte para a cidade de Sobral.

Assim, o tipo Campina, o mais comercializado e de maior procura (especialmente por São Paulo), constitui produção predominante nos municípios mais próximos, como Santana do Acaraú, Massapê, Alcântaras e Meruoca. Em todos êles, os tipos Cearense, Fluminense e Zero são confeccionados em menor escala. Em Massapê constata-se a pro-

GRANDE ÁREA DE INFLUÊNCIA DE SOBRAL NO CEARÁ

ARTESANATO DO CHAPÉU DE PALHA
TIPOS DE CHAPÉU E ÁREA DE PRODUÇÃO



dução secundária do tipo Brasil, fato certamente ligado à proximidade e facilidade de ligação com Sobral (boa estrada, de 18 km).

Os chapéus de tipo grosseiro são a produção principal dos municípios mais afastados de Sobral, como sejam: Coreaú, Granja, Uruoca, Martinópole, Morrinhos, Moraújo, Marco, Senador Sá, Bela Cruz e Frecheirinha. Observa-se, entretanto, em todos êles, a confecção do tipo Campina, embora em menor escala. Também em Groaíras, Cariré, Reriutaba, Mucambo e Pacujá salienta-se a produção de tipos grosseiros, como o Caravana, ocupando segundo plano o tipo médio (Fustão).

Em Sobral, é marcante a predominância dos chapéus de tipo fino e do Campina. Bem compreensível, dadas as condições da mão-de-obra e comercialização ali reunidas.

3.5. — *Condições da produção*

3.5.1. — *O artesão*

A pesquisa procurou, tanto quanto possível, focalizar a figura do artesão.

Com êste objetivo formularam-se questionários e orientaram-se entrevistas.

Alguns dos resultados obtidos vieram apenas corroborar afirmações já conhecidas; outros, no entanto, trouxeram maiores contribuições ao conhecimento do assunto.

3.5.1.1. — *Considerações gerais*

Em linhas gerais, a análise dos dados permite as seguintes constatações:

— especialização do artesão da área no trançado de chapéu;

BIBLIOTECA CENTRAL UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

— exclusividade na atividade, quase total, de mulheres e crianças de mais de seis anos;
— transmissão habitual do aprendizado dentro da família;
— alto índice de analfabetismo;
— predominância da atividade artesanal em famílias menos favorecidas;
— fonte exclusiva de renda para inúmeras famílias;
— baixo nível de renda *per capita*;
— produtividade baixa e variável;
— preferência das jovens pela atividade artesanal aos empregos domésticos;
— prestígio dos empregos em fábricas, preferentemente à confecção de chapéus.

No quadro a seguir, um resumo numérico de alguns dados obtidos:

Famílias Entrevistadas	Total de Componentes	%			Índice de analfabetismo	Participam na atividade	Percentual
		H.	M.	Cr$			
115	531	22,4	45,0	32,5	64%	269	58,8

3.5.1.2. — *Aspectos socioculturais*

Desde sete anos, os menores que, antes desta idade, já estavam iniciados na aprendizagem do trançado, começam a produzir os primeiros chapéus e contribuir para o orçamento da família. (Foto 4)

A aprendizagem não se faz ràpidamente. É um processo no qual a autorização de reflexos necessária ao domínio da técnica vai sendo conseguida paulatinamente. As

mães não impõem a aprendizagem às crianças. Os menores despertam interêsse motivados pela curiosidade infantil que vê no trançado de chapéu uma função genuìnamente lúdica.

Para um garôto, dentro do seu grupo, é motivo de afirmação individual o fato de já dominar a técnica do trançado.

Com o passar dos anos, a artesã adquire uma habilidade técnica extraordinária, podendo realizar seu trabalho com rapidez e dispensar a atenção visual para o que está fazendo. O tato dos dedos comanda a urdidura das tramas, tornando-os sensíveis à menor alteração. Mesmo à noite, à luz de lamparinas, é possível trançar sem dificuldades.

É fraquíssima a participação de homens adultos na atividade artesanal. Fato explicável pelo contexto dos valôres culturais das comunidades da área: o trabalho de trançar chapéus é tarefa específica de mulher.

A pesquisa permitiu mesmo comprovar a emigração do homem ativo da área. As famílias entrevistadas compunham-se, na sua maioria, de regular quantidade de crianças e mulheres. O homem, quando presente, era em geral velho e doente.

A atividade artesanal veio, por conseguinte, dar ocupação a grupos inativos. O homem, em idade de trabalhar, só faz chapéu em caso de extremo desemprêgo e necessidade; e, ainda assim, às escondidas.

3.5.2. — *Produtividade e renda*

Como visto, logo aos sete anos a criança inicia o manejo das palhas. Ao atingir 13-14 anos a atividade vai se tornando nìtidamente feminina.

A artesã, feiteira ou chapeleira, ocupa-se do trançado durante todo o dia. É, entretanto, fraca a produção diária de chapéus.

O grupo de pessoas de 7 a 14 anos, que poderá ser considerado aprendiz, tem uma produtividade inferior à média

geral. A partir desta idade verifica-se, entretanto, certa ascensão, que chega ao índice mais alto no grupo de 20-40 anos, apesar das pessoas que o compõem exercerem, geralmente, atividades de donas de casa. (Foto 5)

Outra variação, no tocante à produtividade, observou-se em relação a determinadas áreas. Fato, certamente, ligado às condições econômicas das diferentes localidades: onde houver menor oferta de trabalho, especialmente para os homens, a produção de chapéus será superior. E, assim, compreende-se como, na família dos artesãos, a renda do trabalho artesanal é um dos elementos básicos de seu orçamento.

O município de Sobral, por exemplo, coloca-se com produtividade inferior à média geral.

As justificativas podem ser resumidas nas seguintes observações:

— qualidade superior do artigo ali confeccionado, exigindo maior esmêro e cuidado;
— maior quantidade de crianças nas escolas;
— limitação do tempo para a atividade artesanal, em virtude de existirem outras possibilidades de ocupação.

Nos quadros seguintes, as médias de produtividade e renda bruta referentes ao artesão e à unidade familiar nas áreas estudadas:

Produtividade média de chapéus

Área	Artesão			Família		
	Diária	Semanal	Mensal	Diária	Semanal	Mensal
Sobral	1,6	9,6	40	3,2	19,2	80
Restante	2,8	16,8	64	6,3	37,8	157,5

Foto 4
Artesã e sua paisagem

Foto 5
As artesãs do chapéu

Renda bruta média

(Cr$)

Área	Artesão			Família		
	Diária	Semanal	Mensal	Diária	Semanal	Mensal
Sobral	200	1.200	5.000	416	2.496	10.000
Restante	193	1.158	4.825	496	2.976	12.400

A título de curiosidade, e com base nos dados obtidos na pesquisa, pode-se acrescentar que o tempo médio para confeccionar um chapéu é igual a 5 hs. e 2,50 hs., respectivamente, na área de Sobral e na restante.

3.5.3. — *Custo, preço de venda, receita e renda líquida*

Cumpre analisar as relações intersetoriais que possibilitam o conhecimento da renda líquida obtida pelo artesão e sua família.

Para instrumento de demonstração utilizamos apenas dois tipos de chapéus, ou sejam, aquêles de maior difusão na área mais próxima a Sobral e nos demais municípios do artesanato.

Observa-se, de imediato, que a renda líquida dos artesãos em geral, residentes na área que exclui o município de Sobral, obtém vantagem.

O melhor preço obtido pelo produto sobralense não é suficiente para sobrepujar a maior produtividade que ocorre no restante da área: tem ainda contra êle maiores custos unitários, representados pelo valor da palha empregada.

Os quadros numéricos que se seguem facilitam a análise destas considerações.

ARTESÃO

Área	Tipo de Chapéu	Produtividade média semanal	Média de palhas p/ chapéu	Custo total de palha/ Chapéu (Cr$)
Sobral	Brasil	9,6	1,25	37,5
Restante	Campina	16,8	1,25	16,3

ARTESÃO

Custo total (Cr$)	Preço médio unitário de venda (Cr$)	Receita total semanal bruta (Cr$)	Renda líquida	
			Semanal (Cr$)	Mensal (Cr$)
360	120	1.152	792	3.300
274	75	1.260	986	4.107

UNIDADE FAMILIAR

Área	Tipo de chapéu	Produtividade média semanal	Custo unitário palha/chapéu (Cr$)	Custo total dos chapéus (Cr$)
Sobral	Brasil	19,2	37,5	720
Restante	Campina	37,8	16,3	586

Preço médio de venda (Cr$)	Receita total bruta mensal (Cr$)	Renda líquida (Cr$)	
		Semanal	Mensal
120	2.304	1.584	6.600
75	2.835	2.249	9.375

Importa acrescentar que durante o ano observam-se variações nos custos da palha, conforme a problemática imposta pelas chuvas e condições gerais da área. Por outro lado, flutuações verificam-se quanto aos preços do chapéu.

No fim da estação sêca, sobretudo em outubro, novembro e dezembro, o mercado opera as maiores transações comerciais. O preço do chapéu alcança a sua melhor cotação, visto ser nessa ocasião que se faz a estocagem, prevendo as condições difíceis de transporte durante o "inverno", quando a mercadoria demora a chegar ao destino e é sujeita a grandes danos.

Durante a estação das chuvas há um recesso no mercado comprador; o preço dos chapéus cai aos níveis mais baixos, enquanto sobe o da palha. Conseqüentemente, queda na produção e nas vendas.

3.5.4. — *Pessoal ocupado*

Utilizando os dados estimados para a produção e para a produtividade média do artesão, projetou-se medir o pessoal ocupado na atividade. No quadro abaixo, os cálculos que permitiram a referida estimativa:

Estimativa de produção de chapéus em 1965	Idem, idem diária	Produtividade média do artesão na área	Estimativa da ocupação na atividade
27.692.307	92,308	2,3	40.134

Colocado o problema nestes têrmos, quase não se nota grande significação: as 40.134 pessoas, geralmente mulheres e crianças, diretamente ocupadas na atividade artesanal do chapéu representariam apenas 14% da população total da área estudada.

Há um aspecto, entretanto, de transcendental importância: a produção dos efeitos colaterais, motivados pela ação multiplicadora da atividade. Apreciável número de pessoas recebem ou participam, direta ou indiretamente, dos benefícios proporcionados por aquêles 40.000 artesãos.

Proporcionando melhores condições de renda e ofertas de emprêgo para centenas de outras pessoas, é o artesanato do chapéu de palha de grande interêsse regional.

Recebem os benefícios desta atividade na área: proprietários de carnaubal, corretores e intermediários da matéria-prima e do produto, exportadores e seus auxiliares, homens e mulheres no serviço de beneficiamento e semibeneficiamento; o setor de serviços, representado principalmente nos transportes e bancos; o setor social, pela ocupação de parte da população numa zona quase sem outra alternativa de trabalho; e o setor Govêrno, pela transferência de rendas proporcionadas pelos tributos, além de muitos outros que não nos possibilitam medir a quantificar.

Por outro lado, informações obtidas no IBGE, em Sobral, estimam que 18,3% da população daquele município ocupa-se diretamente na atividade artesanal, sendo 93% mulheres e 6,6%, homens.

A sondagem realizada pela pesquisa direta, nas famílias ou residências nas quais se estava trabalhando em chapéu, nos municípios de Sobral, Massapê, Coreaú, Alcântaras e Meruoca, permitiu registrar 58,8% das pessoas componentes ocupadas no trançado de chapéus, sendo mais de 80% do sexo feminino.

3.5.5. — *Aspectos tecnológicos*

Cabe analisar os aspectos referentes à matéria-prima e ao produto final.

O corte da palha é feito por "vareiros", utilizando uma pequena foice prêsa na extremidade de longa vara.

As palhas são, então, postas a secar no "lastro": área de chão cuidadosamente limpa e recoberta por uma camada de outras palhas, "brabas", sôbre as quais se estendem aquelas que devem secar.

A secagem dura, normalmente, cinco dias de bom sol, podendo prolongar-se conforme a insolação que se faça necessária.

Êste processo tem o inconveniente de prejudicar as pontas da palha, que se tornam arroxeadas devido à umidade que provém do solo.

Para obter-se palha de qualidade, o melhor processo de secagem é o que consiste em dependurá-la em varais ou cêrcas.

Em qualquer caso, a palha nunca deve ficar ao relento da noite para evitar a umidade do sereno.

Da palha "especial" deve-se apenas extrair o pó, sem riscá-la ou batê-la.

Depois de sêcas e liberadas do pó, as palhas são enfaixadas em molhos de 50 unidades, que recebem o nome de "pacote".

Antes de iniciar a trançagem, a chapeleira deve preparar a palha para a confecção do chapéu. É a operação "riscar": munida de pequena faca pontiaguda e amolada, desfia as palhas em sentido longitudinal e na largura adequada a cada tipo de chapéu. Há artesãs dotadas para esta técnica. Nem tôdas se dispõem a fazer a riscagem porque não conseguem controlar, com exatidão, a largura das tiras. (Foto 6)

Começa, então, o trançado do chapéu. Inicia-se a partir do centro da copa ou "fundo", do qual estende-se contìnuamente até o arremate final.

Esta técnica do comêço tem se modificado com o tempo. Inicialmente era utilizado o "fundo de cocó": 15 palhinhas amarradas, a cordel, na sua extremidade. Daí se começava o trançado do chapéu.

Surgiu nôvo tipo de comêço: o "canoa", processo de

execução difícil e resultado duvidoso. Quando os chapéus eram submetidos à pressão dos instrumentos de "enformar", esgarçavam, perdendo a simetria central.

Apareceu, então, o tipo "quadrado", mais conveniente às exigências do beneficiamento industrial e de técnica muito mais fácil de ser aprendida pelas artesãs.

A partir do "quadrado", cujo tamanho varia de conformidade com o tipo de chapéu, são tecidas carreiras sucessivas. Em certas, são acrescentadas novas palhas, ou "crescenço", a fim de conseguir a largura da copa.

Aplicados os "crescenços", a urdidura processa-se de maneira regular até a base da copa, onde novamente se fazem novos "crescenços" para obter a abertura da aba do chapéu.

Uma vez trançada a aba, um "arremate" é feito na última carreira, prendendo tôda a trama.

Os tipos de chapéu diferenciam-se, geralmente, pelo trançado dos pontos e pela quantidade de carreiras da copa e da aba.

O ponto mais simples ocupa apenas duas palhinhas. Há, porém, os que podem utilizar até sete.

Os chapéus feitos com palhas mais estreitas oferecem maior dificuldade no trançado, mas alcançam melhores preços.

Uma artesã hábil pode fazer de 8 a 10 chapéus do tipo Cearense, por dia. Dificilmente, neste mesmo tempo, conseguirá acabar três do tipo Brasil.

Depois de trançado, o "chapéu bruto" ou "cru" passa às mãos do engomador. Retiram-se as pontas das palhinhas excedentes. Sendo o chapéu de duas "capas", como o Fluminense, ambas devem ser prêsas, pelo fundo e pelo bordo das abas, por um "alinhavado".

O engomado é feito num forno de alvenaria, que possui uma fôrma em sua parte superior onde são colocados cêrca de 10 chapéus de cada vez para ser prensados manualmente.

Na chapa aquecida do forno, estende-se um fôrro de estôpa úmida. Esta, quando aquecida, desprende vapor úmido que vai derreter os restos de cêra com que a palha dos chapéus ainda está impregnada, provocando o enrijecimento das tramas do trançado, dando consistência ao chapéu.

Sòmente depois de engomados, os chapéus são vendidos aos exportadores, em Sobral. Não se exportam "chapéus crus".

O exportador terá apenas o cuidado de expor os chapéus ao sol e enfardá-los em esteiras também de palha. Assim, estarão preservados da umidade e em condições de ser exportados. (Foto 7)

Apenas uma pequena percentagem de chapéus recebe acabamento industrial.

3.6. — *Ritmos da produção*

Entre "inverno" e "verão" observa-se uma considerável diferença no volume da produção. A estação chuvosa, como se sabe, traz sérios entraves ao trato da palha, fato que se reflete diretamente na produção.

Sob o efeito da umidade, a palha amolece, dificultando o trançado do chapéu ou muda de coloração e adquire môfo prejudicando a venda do produto. Além do mais, os trabalhos agrícolas, também durante a estação das chuvas, retiram da artesã certa disponibilidade de tempo para a confecção do chapéu de palha.

Aliada a tudo isso, a precariedade das condições de moradia das "feiteiras": não dispondo dos meios necessários para proteger palhas e chapéus da umidade e dos respingos no interior da casa, a sua produção artesanal de "inverno" não só diminui como é vendida, às vêzes, até pela metade do preço corrente.

Constata-se um aumento na produção de chapéus de duas capas, aproveitando as palhas prejudicadas pela umidade para o fôrro.

Apesar de tudo isso, ficou constatado que a atividade artesanal não paralisa, inteiramente, na área durante o "inverno". Dá-se apenas uma diminuição no seu ritmo.

4. — *COMERCIALIZAÇÃO*

A cidade de Sobral é o centro de convergência do mercado artesanal da área. Ali operam atualmente 36 firmas estabelecidas, comprando e exportando chapéus.

A competição entre as firmas locais dinamiza o mercado regional, elevando e baixando os preços conforme os mecanismos precários de financiamento e crédito e em decorrência do mercado importador que condiciona todo o processo de comercialização do chapéu de palha.

4. 1. — *Mecanismos*

A circulação do chapéu de palha na Zona Norte do Estado realiza-se como a dos produtos similares em áreas subdesenvolvidas: grande número de intermediários isola o produtor do mercado, prejudicando possíveis melhorias nos processos e métodos de produção.

O "bodegueiro", considerado 1.º intermediário pela pesquisa, é a classe mais numerosa e também o primeiro elo da cadeia da comercialização.

Mantém contacto direto com a chapeleira, vendendo-lhe palha a crédito e comprando-lhe o chapéu à vista.

É, geralmente, um pequeno comerciante, também pobre, para o qual as transações com palha e chapéu constituem não só um meio de ganhar mais, como possibilitam a venda dos produtos de sua "bodega".

Foto 6
"Riscando" a palha

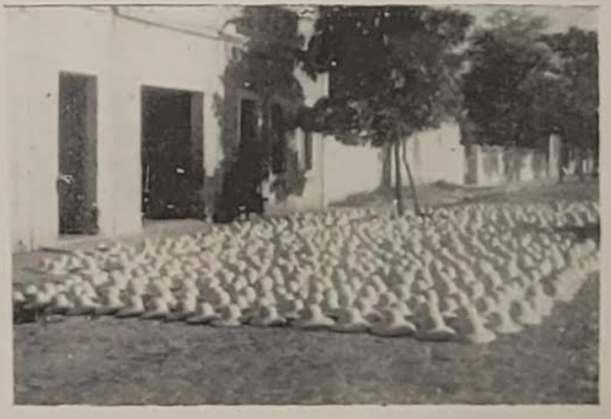


Foto 7
Chapéu ao Sol

O pagamento do chapéu à artesã pode ser feito em dinheiro; mas é bem comum que o seja em mercadorias.

Há, assim, uma espécie de conta-corrente entre artesãos e "bodegueiros". Decorre daí uma certa ligação ou compromisso entre um "bodegueiro" e certo número de "feiteiras".

Raramente uma artesã compra palha, mais barata, dos comboieiros que, ocasionalmente, passam por sua casa: falta-lhe dinheiro; ou não quer, ou não pode romper o vínculo com o "bodegueiro". Está sempre lhe devendo, pois não tem poupanças: é obrigada a manter a conta-corrente na bodega.

Reunida certa quantidade de chapéus, o "bodegueiro" dirige-se às sedes municipais, nos dias de feira; e vende suas partidas a outros negociantes locais, denominados 2.º intermediário pela pesquisa. São os corretores. Em número, evidentemente, bem mais reduzido que os "bodegueiros", possuem relativa capacidade de compra e atuam em ligação direta com os exportadores de Sobral.

Antes, porém, de seguir para Sobral, os chapéus, geralmente, passam por um beneficiamento rudimentar: o "engomado", já mencionado anteriormente. Inclui êste beneficiamento, ainda, a operação "enformar" e o "alinhavado". São condições para obter um melhor preço dos exportadores.

A seguir, uma demonstração numérica das operações descritas:

Diagrama de demonstração prática do mecanismo de comercialização do chapéu.

Tipo: Campina

Média: palhas/chapéu: 1,25

ATIVIDADE	Valôres unitários médios (Cr$)			Percentual
	Preço	Custo	Remuneração do trabalho	
1 — Aquisição da palha pelo artesão	13	16,3		
2 — Chapéu pronto (estado cru)		16,3		
3 — Venda ao 1.º intermediário	75			
LUCRO ARTESÃO			58,7	360,1
4 — Venda ao 2.º intermediário	85			
LUCRO 1.º INTERMEDIÁRIO			10	13,3
5 — Semibeneficiamento		2		
... Transporte para Sobral		0,5		
6 — Venda ao exportador	100			
LUCRO 2.º INTERMEDIÁRIO			12,5	14,3
7 — Venda ao importador	175			
LUCRO BRUTO DO EXPORTADOR		75		75

4.2. — *Financiamento e crédito*

A expansão do artesanato do chapéu de palha na área de influência da cidade de Sobral no Ceará tem exigido a movimentação de vultosas somas.

A venda do produto em prazos que variam de 60 a 120 dias; e as necessidades, cada vez maiores, que têm as firmas exportadoras de repor seus estoques com pagamento à vista ou em curto prazo, fazem com que tôdas elas recorram ao sistema bancário para desconto de seus títulos.

Ocorre, entretanto, que em virtude da insuficiência de suporte financeiro de algumas dessas emprêsas; e em face às limitações impostas pelos bancos oficiais, as firmas operam com limitada faixa de crédito em relação ao vulto das operações.

Das 36 firmas estabelecidas, apenas 22 possuem cadastro bancário. Os importadores, entretanto, compram indistintamente a todos, especulando os preços.

Tal situação geral impele os exportadores ao recurso da garantia particular, que, quando conseguida, é a custos elevados.

A configuração de tal ordem de coisas ocasiona constantes oscilações de caráter financeiro que se refletem intensamente na atividade.

Os intermediários, conhecendo bem o problema, procuram precaver-se: nas épocas de insuficiência de numerário na praça baixam seus preços de compra na fonte de produção. Tal baixa decorre de mera atitude especulativa, já que em Sobral os preços permanecem estáveis ou mais elevados.

Estas anomalias acarretam uma série de oscilações no mecanismo de preços, tendendo a agravar-se com o incremento e expansão, cada vez mais acentuada, da área produtora.

4.3. — *Oscilação estacional*

A confecção do chapéu de palha é uma atividade de cêrca de 300 dias no ano. Os artesãos respeitam, religiosamente, o domingo; trabalham, por conseguinte, 6 dias na semana. No domingo apenas se ocupam do "riscado", quando o fazem.

Ocorrem durante o ano, conforme referências anteriores, algumas oscilações de caráter produtivo. A principal diz respeito ao contraste das duas estações climáticas: inverno e verão.

Enquanto no verão tudo corre razoàvelmente, inclusive com a subida de preços, no inverno os problemas se multi-

BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

plicam: preservação e estocagem da palha, cuidados com o chapéu confeccionado; ausência de condições gerais para uma e outra necessidade.

O resultado é o refugo e aviltamento dos preços por parte dos compradores.

Ocorre, então, a diminuição da produção, acentuada pelo deslocamento das populações para o plantio, quando das primeiras chuvas.

Na fase pós-invernosa, outra crise de produção, quando das safras do algodão e apanha da oiticica. Mas esta nova crise já vem coincidir com o aumento progressivo nos preços do chapéu que vão atingir o máximo nos meses de dezembro e janeiro.

5. — *BENEFICIAMENTO*

Pequena parcela do chapéu exportado sofre processo de beneficiamento (10%).

Consiste em dar ao produto melhor consistência, durabilidade, forma e apresentação.

Atualmente, três emprêsas realizam métodos para isso; outras fazem experiências iniciais, visando ao conhecimento e domínio dos processos e considerando possibilidades do mercado.

Ressalta-se que daquelas três emprêsas apenas uma opera com exclusividade no ramo.

O incentivador dos sistemas foi o Sr. Guilherme Ehrich de Menezes, homem de largo espírito de iniciativa, que após lutar e vencer tôda a sorte de obstáculos instalou em Sobral a indústria do beneficiamento do chapéu no ano de 1950.

5.1. — *Maquinaria utilizada*

É grande a participação da mão-de-obra nos processos de beneficiamento dos chapéus de palha em Sobral, já que a instrumentação utilizada é pràticamente manual.

As principais peças são: prensas mecânicas, tipo Italiano, usadas para moldagem; máquinas de costura, tipo industrial, para encarneiramento, orlamento e debruagem; máquinas de costura, tipo simples, refiladeiras; adaptações de detalhe, para aumento de produtividade, como sejam, as máquinas de virolar, pregar ilhoses etc.

5.2. — *Fases operacionais*

A quantidade de operações sofridas pelo chapéu, na sua fase de beneficiamento, varia bastante. Depende do tipo desejado pelo mercado e da qualidade do chapéu empregado.

Os principais tipos de chapéu que passam pelo sistema de melhoria são: Campina, Brasil, Fustão, Crivo Fino, Caravana e Cristal. Tomam, após o beneficiamento, as seguintes denominações, respectivamente: Rouxinol, Príncipe, Marajá, Diamante, Fantasia e Pérola.

Os chapéus defeituosos são recobertos com tecido e recebem o nome de Shantung.

A seguir, um resumo descritivo das operações realizadas com o tipo Brasil, conforme informações obtidas na cidade de Sobral, junto aos fabricantes. Os custos representam valôres médios.

Fases operacionais	Custo unitário médio por fase, aos preços de fevereiro 1966 — (Cr$)
Preço do chapéu cru	140
1 — Corte das aparas exteriores	1
2 — Engomado	2
3 — Corte das aparas interiores	1
4 — Primeira prensada	2
5 — Encarneiramento	52
6 — Segunda prensada	2
7 — Envernizamento	103
8 — Formar a periferia	1
9 — Orlamento	18
10 — Colocação da fita	33
11 — Ilhoses e etiquêta	9
Custo total do chapéu	369

6. — *EXPORTAÇÃO*

6.1. — *Considerações gerais*

O rápido crescimento registrado no ramo do chapéu de palha colocou a cidade de Sobral como o maior centro comercial do artesanato nordestino, pela movimentação do produto e fôrça no volume e valor das operações.

Sobretudo a partir de 1960, a expansão tem se tornado forte. Segundo informações, eram conhecidas apenas nove firmas exportadoras, antes dêsse ano. Atualmente são trinta e seis.

A expansão deu-se tão ràpidamente que, segundo informações locais, houve épocas em que mais de quarenta pessoas atuavam na exportação. Quase diàriamente ocorria o aparecimento, ou o desaparecimento, de novos indivíduos para funcionar neste setor.

Tudo isso traduz a instabilidade no trabalho e na classe, fato que levou os bancos a se precaverem de possíveis prejuízos, limitando crédito, estabelecendo critérios seletivos etc.

Longe está de se verificar o equilíbrio financeiro na praça exportadora de chapéus. E as necessidades são cada vez maiores, com o aumento registrado nas vendas, as possíveis ampliações do mercado e a expansão da área artesanal.

Desnecessário é salientar que esta vive na dependência exclusiva das oscilações financeiras do seu mercado comprador.

Um exportador sobralense chegou mesmo a considerar que "a suspensão da compra de chapéus, no mercado local, pelo prazo de uma semana, traria um efeito desastroso para o artesanato".

6.2. — *Mercado*

6.2.1. — *Nacional*

As exportações de chapéu atingem, ùltimamente, seus maiores índices.

Todos os Estados brasileiros, bem como alguns do exterior, o importam.

A maior unidade importadora é o Estado de São Paulo, com cêrca de 42% da produção da área. A importação dos 58% restantes acha-se pulverizada pelos demais Estados, sendo que os do Sul comandam os primeiros lugares.

Os tipos de chapéu de melhor qualidade, incluindo o Campina, destinam-se aos mercados sulistas.

Para o Norte do País, os mais exportados são os tipos Zero e Fluminense; chapéus mais rústicos e de boa resistência, visto reunirem duas "capas". São usados nos seringais da Amazônia.

Não passam por processos de beneficiamento no destino.

Os chapéus mais finos, importados pelo Sul, passam ali por processos de remodelação industrial, para o consumo interno, e são exportados até para o Exterior. Os tipos mais grosseiros (Cearense, Caravana) são transformados em tipos padronizados. O Zero é o mais usado nas mudas de café, no Paraná.

O transporte utilizado nas exportações é o rodoviário. A embalagem é o fardo (tipo surrão), confeccionado com três esteiras, cujo custo importa em Cr$ 2.000. A capacidade do fardo é de 2.000 unidades de tipo fino e 1.000 de chapéus grosseiros. Cada fardo, assim, pesa, em média, 100 a 110 quilos. (Fotos 8 e 9).

A falta de estatísticas sôbre o assunto constituiu um dos entraves à elaboração do presente trabalho. Foi possível, entretanto, através de dados obtidos na Coletoria Estadual de Sobral, complementados pela pesquisa direta, fazer uma tentativa de identificação do mercado brasileiro para o chapéu de palha.

No quadro seguinte pode-se, ao mesmo tempo avaliar a participação dêsses mercados na exportação total.

Tentativa de distribuição dos principais tipos de chapéu nos mercados consumidores e suas participações na exportação total, em 1964

Estados	TIPOS DE CHAPÉUS										Valor da exportação (Cr$ 1.000)	Percentagem sôbre o total
	Campina	Brasil	Crivo	Cearense	Caravana	Fluminense	Zero	Palma	Sobral	Fustão		
São Paulo	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	311.930	42,0
Paraná	x						x				51.988	7,0
R. G. do Sul	x	x	x		x					x	48.275	6,5
Sta. Catarina	x	x	x			x			x	x	46.789	6,3
Pará				x		x	x	x			42.333	5,7
Goiás	x	x			x						31.193	4.2
Minas Gerais	x	x	x							x	17.082	2,3
Amazonas						x	x	x	x		13.369	2,2
Mato Grosso	x	x		x	x						16.339	1,8
Outros	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	163.392	22,0
TOTAL											742.690	100

Fontes: Coletoria Estadual de Sobral e Pesquisa direta.

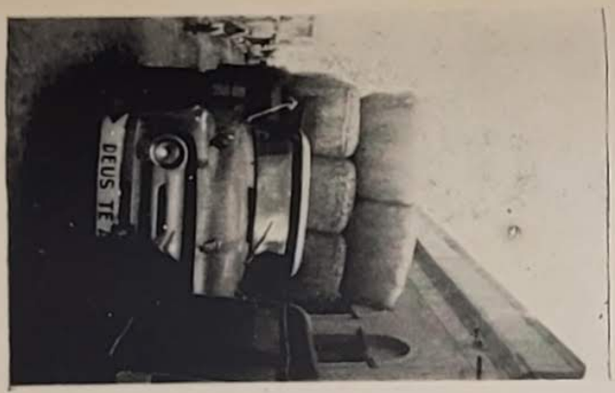


Foto 8 — Chapéus para exportação.

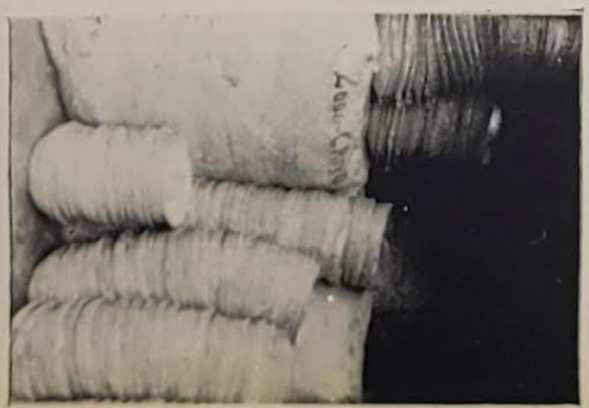


Foto 9 — Fardos e Chapéus para exportação.

Deve-se, no entanto, fazer as seguintes ressalvas aos valôres numéricos:

— o valor total exportado compreende sòmente o chapeu saído de Sobral para outros Estados do País; não estão computados o consumo do Ceará nem a exportação feita pelo pôrto de Fortaleza;

— o valor total exportado refere-se ao valor comercial com que foi tributada a mercadoria;

— a distribuição dos tipos de chapéu por Estado foi feita de acôrdo com os dados das entrevistas realizadas com os exportadores, durante a pesquisa. Não podem ser tomadas como dados rígidos; servem apenas de orientação.

A título de ilustração, acrescentamos a tabela de preços médios de compra e venda dos principais tipos de chapéus semibeneficiados no mercado exportador de Sobral:

Tipo	Preço médio de compra (Cr$)	Preço médio de venda (Cr$)	Percentagem de lucro %
Brasil	175	375	114,3
Campina	100	175	75,0
Crivo	95	165	73,0
Fluminense	100	200	100,0
Palma	45	100	122,2
Sobral	45	100	122,2
Zero	85	170	100,0
Caravana	40	105	162,5
Fustão	85	170	100,0
Cearense	55	110	100,0
Macaraú	55	110	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

BIBLIOTECA CENTRAL UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

6.2.2. — *Exterior*

Embora sejam ainda diminutas as exportações de chapéus para o exterior, observa-se considerável crescimento nos dois últimos anos.

Segundo dados oficiais, foi a seguinte a exportação pelo pôrto de Fortaleza no triênio 1963 — 1965:

1963		1964		1965	
Ton.	U$ 1.000	Ton.	U$ 1.000	Ton.	U$ 1.000
—	—	9	16	28	54

Países de destino

ANOS	
1964	1965
Espanha	Espanha
Uruguai	Argentina
Estados Unidos	Alemanha Ocidental
	Itália
	Canadá
	U.R.S.S.

Fonte: Guias de Exportação da Recebedoria do Estado Fortaleza — até agôsto de 1965.

O principal comprador foi a Espanha, com mais de 50% do total exportado.

Destaca-se bem o incremento das exportações, superior a 200% entre 1964 e 1965, assim como a diversificação e ampliação do mercado exterior.

Para o corrente ano, conforme informações dos exportadores, são boas as perspectivas de vendas, havendo interêsses de vários países em adquirir o produto.

Como ilustração, vale registrar dois fatos ocorridos no decorrer da pesquisa em Sobral. O primeiro refere-se a embarques com destino à Nigéria e outros países africanos. O segundo foi a visita a Sobral de importadores americanos desejosos de adquirir três milhões de chapéus, em partidas mensais de 500.000. Esta transação, entretanto, não foi concretizada, em virtude da falta da padronização rígida exigida aliada à necessidade de introduzir alteração nos modelos atuais de chapéu comercializado em Sobral.

De qualquer maneira, o fato é digno de menção, pois bem demonstra a potencialidade de mercado exterior para o chapéu de palha.

CONCLUSÕES

A atividade artesanal da palha de carnaúba na área de influência de Sobral no Ceará constitui fato relativamente recente e em franca expansão, em produção e área.

O valor da produção, em 1965, é estimado em 1 bilhão e oitocentos milhões de cruzeiros, para um total de..... 27.692.307 chapéus.

A área produtora, que abrange vinte e um municípios dos quarenta e seis que constituem a grande área de influência da cidade de Sobral, apresenta excelentes condições para o incremento da atividade:

— dispõe de matéria-prima abundante (estimada em 87.000.000 de palhas/ano), da qual menos de metade (35.000.000) é atualmente utilizada;

— conta com vasta reserva e disponibilidade de mão-de-obra.

— funciona em relação a um mercado que se amplia em volume e extensão.

Os pontos de estrangulamento são aquêles também identificados em relação a outros produtos do Nordeste brasileiro:

— baixa produtividade, resultante das condições de realização do trabalho;

— comercialização sobrecarregada de intermediários;

— e entravada pelos problemas financeiros e de infra-estrutura;

— ausência de estímulos, de modo geral: oficiais, sociais, tecnológicos e econômicos, especialmente ao nível do produtor.

Do ponto de vista social, o artesanato do chapéu de palha pode bem caracterizar-se como uma expressão sócio-econômica decorrente das precárias condições de vida das populações rurais da Zona Norte do Estado.

Pode, por outro lado, ser considerado como uma fase transicional de um ciclo econômico sujeito ao desaparecimento, na medida em que as populações a êle vinculadas forem sendo integradas numa nova estrutura econômica de caráter industrial.

Nas circunstâncias atuais, a organização vigente atende suas possibilidades. E apesar da grande pobreza, miséria mesmo, reinante entre artesãos, parece difícil e temerária qualquer intervenção no sentido de alterar o sistema.

Entretanto, é o artesanato do chapéu de palha, no Ceará e talvez no Nordeste, a única atividade rural não agrícola a fornecer ocupação direta a mais de 40.000 pessoas. Indiretamente, sua capacidade total de fornecer emprêgo é, ainda, incalculável com certa exatidão.

Captando, de outras regiões do País para a Zona Norte do Estado, cêrca de dois bilhões e meio de cruzeiros anualmente, a confecção do chapéu de palha tem sobrepujado econômicamente outros produtos tradicionais da área, como a cêra de carnaúba e a oiticica, entre outros.

Muito pouco, entretanto, tem sido feito até hoje em prol do artesanato no Ceará. Tudo, porém, faz crer no interêsse de estudos e tentativas de melhoria ou solução para os problemas que, no momento, afligem, social e econômicamente, um setor de tanta significação em tão vasta área do Estado.

Êste pensamento leva à procura de alternativas diversas, no tocante ao tratamento adequado para a problemática do artesanato do chapéu de palha na área estudada: atividade econômicamente vitoriosa, mas incapaz de atender razoàvelmente à população que a realiza.

SUGESTÕES

1. — *Setor econômico*

Envolve especialmente a parte da comercialização, já que em tôrno da mesma gira todo o mecanismo da produção, circulação e distribuição do produto.

Poder-se-á sugerir:

1.1. — *Criação de um sistema cooperativista*

A grande movimentação de capital na atividade, paralela aos problemas de financiamento e crédito, ocasiona, muitas vêzes, o comércio à base do vale e da mercadoria, entravando possíveis melhorias no nível de vida da população.

É uma massa de pessoas trabalhando em benefício de uma bem pequena minoria. Fato que, aliado à baixa produtividade de gente muito pobre e às manobras especulativas dos mais beneficiados, impossibilita a obtenção de

melhores preços. Tudo isso, funcionando através de completa desorganização e insegurança no seio dos artesãos, condiciona uma situação geral que cada vez mais favorece às pessoas desejosas de lucros fáceis.

A sugestão da tentativa de criação de um sistema cooperativista tem base coibir, em parte, esta anomalia.

Sabe-se, entretanto, das dificuldades para o funcionamento de uma nova estrutura. Fatôres outros precisarão ser estudados e debatidos antes de adotar tal sugestão, que terá, forçosamente, de enfrentar: o baixo nível cultural do artesão, as tradições do sistema vigente, as necessidades de elevado capital de trabalho e a oposição dos controladores da situação atual.

1.2. — *Adoção de uma política de preços*

Um chapéu custa, atualmente, em média, Cr$ 68 na fonte de produção; é exportado por Cr$ 160, também a preços médios. Aumento, portanto, de 135% entre o produtor e o exportador.

Sabe-se, entretanto, não serem tão elevados os custos da comercialização.

O chapéu, por outro lado, tem possibilidades de obter melhor pagamento, o que só não ocorre em virtude de problemas de concorrência entre exportadores, quando de suas transações.

Uma bem estudada política de preços poderá vir a atenuar estas incoerências.

1.3. — *Coesão de exportadores*

O número avultado de exportadores em Sobral, agindo com excesso de individualismo, tem prejudicado sobremaneira o melhor equilíbrio e maior crescimento da atividade.

Lastimam a escassez de crédito, fato, aliás, comprovado pela pesquisa. Temem, por outro lado, a intromissão de emprêsas de outras regiões.

Ao que parece, uma solução seria a concentração dos atuais exportadores (mais de 30) em emprêsas societárias.

A organização de quatro ou cinco, tudo indica, traria condições de êxito: reunir patrimônio elevado, proporcionador de facilidades creditícias; evitar a possível penetração, no ramo, de exportadores estranhos à comunidade ou sem condições; ampliar as possibilidades de aumento da exportação, o qual acarretaria o crescimento da produção e, conseqüentemente, o incremento de rendas, em geral.

1.4. — *Realização de pesquisas de mercado*

Será de todo interêsse estudar o mercado exterior, visando ao conhecimento mais aprofundado de sua extensão e perspectivas.

Por outro lado, necessário se faz estudar as condições do mercado nacional, a fim de conhecer as possibilidades razoáveis de diversificação da produção; inclusive a extensão da utilidade do trançado de chapéu nas mudas de café no Sul do País.

2. — *Setor tecnológico*

Considerando as condições atuais da atividade artesanal do chapéu de palha, será de todo interêsse:

2.1. — *Realização de pesquisas visando à melhoria de produtividade do artesão*

O atual artesão confecciona, em média, um chapéu em cada duas horas e cinqüenta minutos, na área que exclui Sobral; e em cinco horas, na zona desta cidade.

O instrumental idealizado não deverá, absolutamente, substituir o artesão, mas, tão-sòmente, ajudá-lo a confeccionar uma unidade em menor espaço de tempo, possibilitando-lhe mais alta renda.

2.2. — *Realização de pesquisas sôbre a conservação da palha e do chapéu*

Sabe-se que é um dos sérios problemas do artesanato da palha de carnaúba.

Impõe-se a criação de métodos mais racionais.

3. — *Setor Administrativo*

Considerando o vulto geo-econômico e social que tomou a atividade artesanal, apesar da total falta da assistência, seria de bom alvitre pensar nas seguintes medidas:

— organização e contrôle de dados e informações concernentes ao assunto;

— melhores condições de financiamento e assistência;

— treinamento e intercâmbio de artesãos dentro da área, visando a difundir a confecção dos chapéus de qualidade superior, proporcionadores de melhores rendimentos;

— ação junto a investidores da área para ampliação do beneficiamento já existente com fins industriais.

Estas medidas, entre outras, poderiam ser levadas a efeito mediante duas alternativas:

a) A criação ou designação de uma entidade com estrutura suficiente para atuar. A organização, por

exemplo, de um centro de pesquisas artesanais, visando ao conhecimento e à relativa competência de ação nos setores sociais, econômicos e tecnológicos, parece razoável.

b) Por outro lado, uma linha de ação poderá ser adotada, nesse sentido, por instituições já existentes que atuam nos setores de crédito e nos programas de desenvolvimento do Estado e do Nordeste brasileiro.

PARTE II

O SEMINÁRIO DE ESTUDOS

Considerando o interêsse de tornar conhecidas as constatações obtidas pela pesquisa, foi organizado pelo Programa Universitário de Desenvolvimento Industrial um Seminário de Estudos.

1. *Objetivos*

a) Apresentação dos resultados da pesquisa realizada sôbre o artesanato do chapéu, nos seus aspectos geo-econômicos e socioculturais, entre dezembro de 1965 e abril de 1966.

b) Discussão de sugestões concretas, visando a uma tentativa de solução para a problemática do artesanato na área estudada.

2. *Participantes*

a) Técnicos e estudantes que realizaram a pesquisa;
b) Instituições que se fizeram presentes:

— ANCAR
— Banco do Estado do Ceará
— CETRECE
— Conselho Técnico de Economia
— Departamento de Assistência ao Cooperativismo
— Departamento de Ciências Sociais da Faculdade

de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Ceará
— Departamento de Geociências da F.F.C.L. da Universidade Federal do Ceará
— Instituto de Antropologia
— Instituto de Pesquisas Econômicas
— Ministério da Indústria e do Comércio — Delegacia Estadual do Ceará
— Programa Universitário de Desenvolvimento Industrial.

3. *Realização dos Trabalhos*

As sessões do Seminário realizaram-se na Sala de Reuniões do Departamento de Geociências da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Ceará, conforme o seguinte programa:

Dia 10 de maio:

— às 9 horas — Apresentação sumária dos resultados da pesquisa.
— às 10,30 horas — Esclarecimentos e discussão.

Dia 11 de maio:

— às 9 horas — Apresentação das sugestões feitas pelos realizadores da pesquisa.
— Debate sôbre as mesmas.
— às 10,30 horas — Apresentação de sugestões pelos participantes.
— Discussão geral.

3.1. — *Questões apresentadas*

A apresentação dos resultados obtidos pela pesquisa provocou as seguintes indagações, a título de esclarecimento ou maior detalhe, sôbre:

— a confecção do chapéu, suas formas e fases;
— corte da palha de carnaúba;
— se tem havido aquisição de palha de áreas mais distantes, como, por exemplo, o Jaguaribe;
— impostos incidentes sôbre o chapéu;
— existência de outras formas de aproveitamento da palha na área, como bôlsas, esteiras etc.;
— existência de organização tipo cooperativa, no sentido de obter melhores condições de trabalho, produção, lucro etc.;
— fluxo dos preços do chapéu do artesão ao exportador;
— possibilidades de financiamentos com base no estoque;
— o problema da escassez de capital de giro, ocasionando baixa de preços do chapéu.

3.2. — *Sugestões propostas*

3.2.1. — Sugestões dos realizadores da *pesquisa*

O grupo de trabalho que realizou a pesquisa apresentou à discussão as seguintes sugestões, visando a uma tentativa de solução para os principais problemas do artesanato do chapéu na área estudada:

a) Setor econômico:

— criação de um sistema cooperativista;

BIBLIOTECA CENTRAL UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

— adoção de uma política de preços;
— coesão de exportadores;
— realização de pesquisas de mercado.

b) Setor tecnológico:

— realização de pesquisas visando à melhoria de produtividade do artesão;
— realização de pesquisas sôbre o conservação da palha e do chapéu;

c) Setor administrativo:

— organização e contrôle de dados e informações concernentes ao artesanato do chapéu;
— obtenção de melhores condições de financiamento e assistência ao produtor;
— treinamento e intercâmbio de artesãos dentro da área, visando a difundir a confecção dos chapéus de qualidade superior;
— ampliação do beneficiamento já existente para fins industriais.

Duas alternativas foram apresentadas sôbre a modalidade de efetivar estas sugestões:

1.ª — criação ou designação de uma entidade com estrutura suficiente para atuar; por exemplo, um centro de pesquisas artesanais;

2.ª — linha de ação a ser adotada pelas instituições já existentes e atuantes nos setores de crédito e nos programas de desenvolvimento do Estado e do Nordeste brasileiro.

3.2.2. — *Sugestões apresentadas pelos participantes*:

Algumas das instituições que se fizeram representar expuseram sugestões, por escrito, através de seus representantes. Assim:

a) Banco do Estado do Cará, representado pelo Sr. Gerardo Carvalho:
— não acreditando no sucesso de organizações tipo cooperativa, dado o baixo nível cultural dos artesãos (64% analfabetos), a extensa base territorial da área do artesanato, o baixo padrão de rendimentos, sugere, como solução mais viável, a ação governamental exercida através de *sociedade de economia mista;*
— o Estado seria o principal acionista, seguido das Prefeituras dos municípios interessados;
— os artesãos participando, pelo menos inicialmente, com a subscrição mínima de uma ação (Cr$.... 1.000).

"Na medida em que a sociedade se desenvolvesse, possibilitando a melhoria econômica das famílias participantes, os Podêres Públicos poderiam retirar-se paulatinamente, mediante a gradativa transferência de suas ações para as mãos dos artesãos.

O capital inicial da emprêsa deverá ser bastante vigoroso, de modo a permitir a sua entrada *efetiva* no mercado; não se perdendo de vista que tal organização representaria uma mudança *estrutural* nas bases tradicionais da atividade; e, assim, para ter sucesso, precisaria ser *grande* e *agressiva* desde os primeiros passos."

b) Departamento de Assistência ao Cooperativismo, representado pelo Sr. Jayme Gomes:

— criação de cooperativas de 1.º grau nos diversos núcleos artesanais da área;
— fundação de uma cooperativa de 2.º grau (Central).

"As cooperativas de 1.º grau fariam junto ao artesão o papel de "bodegueiro". Distribuiriam a matéria-prima e receberiam o produto.

A cooperativa de 2.º grau receberia das de 1.º grau a produção, para expor ao comércio interno e externo."

c) CETRECE, representado pelo Sr. José Afonso Albuquerque:

— "criação de uma *sociedade de economia mista* que teria como finalidades principais o artesanato e a exploração da cêra de carnaúba.
— criação de novos artigos confeccionados em palha e suas aplicações usuais.
— padronização dos produtos artesanais".

d) PUDINE, representado pelo economista Américo Fortes:

"A. — *Setor econômico*

Criação de um sistema onde participasse o próprio artesão, a Diocese, a Universidade do Ceará e talvez a ANCAR e o município. Através dessa medida, aliada a estudos tecnológicos por órgãos competentes, poder-se-ia melhorar o aproveitamento da matéria-prima, da mão-de-obra e, finalmente, da própria produtividade do artesão.

B. — *Setor tecnológico*

Procurar interessar entidades como a SUDENE e o Instituto de Tecnologia Rural, a fim de estudar tôdas as implicações no que diz respeito à extração e conservação da matéria-prima, como do produto acabado.

C. — *Setor administrativo*

O Banco do Estado do Ceará talvez pudesse estudar um tipo de linha de crédito que viesse beneficiar tanto o próprio artesão como o exportador.

Por outro lado, o Banco do Brasil estudaria uma forma de adaptar sua linha de financiamento através de penhor mercantil com a interveniência da ANCAR, ou mesmo de outra entidade assistencial da região."

Algumas outras sugestões ou informações foram apresentadas durante os debates sôbre as anteriores, tais como:

a) *Em relação ao problema da palha*

— instalação de depósitos acessíveis aos artesãos — (DACOR);
— instalação de paióis nas casas (DACOR);
— estudar um tipo de depósitos domésticos que conservasse palha e chapéus (João Pompeu — Instituto de Antropologia);
— interessante procurar informações sôbre estudos em andamento, por um grupo da Escola de Farmácia, a respeito da tecnologia da palha (José Alencar — Instituto de Antropologia);
— interêsse de tratar a palha, melhorando suas características físicas, de flexibilidade e resistência, assim como achar um modo de extrair a cêra sem prejudicar a qualidade da palha (economista Almir Caiado — I.P.E.).

b) *Em relação ao chapéu*

— melhoria do produto e conseqüente ampliação do mercado externo (Almir Caiado);
— estudar modelos diferentes de chapéus, mais aperfeiçoados (Almir Caiado).
— estudar mercado do chapéu no Brasil e no exterior (Almir Caiado).

c) *Em relação à parte administrativa*

— procurar conhecer as experiências da ARTENE, na Paraíba (Almir Caiado);
— tentativa de uma cooperativa-pilôto.

Finalizando os trabalhos do Seminário, algumas instituições participantes expuseram as possibilidades atuais de sua participação numa tentativa de solução aos problemas do artesanato:

— B.E.C. — Poderá participar do financiamento.

— CETRECE — Participação em estudos de mais detalhes.
— DACOR — Poderá agir numa política de educação dos artesãos, preparando-os para a participação num sistema cooperativista que viesse a surgir. Orientaria a comercialização, não participando, porém, do financiamento.
— Ministério da Indústria e Comércio — Delegacia Estadual do Ceará — poderia participar de financiamento, mas não agora. Há interêsse sôbre o problema do artesanato, mas algo definitivo só pode ser exposto mediante envio de um relatório ao organismo central que mostrará, então, as suas possibilidades.

PARTE III

ANEXOS

ÍNDICE

PARTE I — A PESQUISA

O Artesanato do Chapéu de Palha na Área de Influência de Sobral
(Relatório Geral)

Apresentação 3
1. — *Origem e Expansão do Artesanato do Chapéu* 11
2. — *Matéria-prima* 13
2.1 — Potencial da área 13
2.2 — Classificação e tipos 15
2.3 — Obtenção 15
2.4 — Circulação e transporte 16
2.5 — Distribuição, consumo e preços 17
2.5.1 — Área do município de Sobral 17
2.5.2 — Demais municípios da área do artesanato 18
2.6 — Conservação 19

3. — *Produção do Chapéu* 20
3.1 — Quantidade e valor 20
3.2 — Estimativa da produção máxima 20
3.3 — Tipos produzidos 21
3.4 — Área produtora 22
3.4.1 — Delimitação geográfica 22
3.4.2 — Correlação entre tipos e área de produção 24
3.5 — Condições da produção 25
3.5.1 — O artesão 25
3.5.1.1 — Considerações Gerais 25
3.5.1.2 — Aspectos sócio-culturais 26
3.5.2 — Produtividade e renda 27
3.5.3 — Custo, preço de venda, receita e renda líquida 29

3.5.4 — Pessoal ocupado 31
3.5.5 — Aspectos tecnológicos 32
3.6 — Ritmos da produção 35

4. — *Comercialização* 36
4.1 — Mecanismo 36
4.2 — Financiamento e crédito 38
4.3 — Oscilação estacional 39

5. — *Beneficiamento* 40
5.1 — Maquinaria utilizada 40
5.2 — Fases operacionais 41

6. — *Exportação* 42
6.1 — Considerações Gerais 42
6.2 — Mercado 43
6.2.1 — Nacional 43
6.2.2 — Exterior 46

CONCLUSÕES 48

SUGESTÕES 50

PARTE II — O SEMINÁRIO DE ESTUDOS

1. — Objetivos 57
2. — Participantes 57
3. — Realização dos trabalhos 58
3.1 — Questões apresentadas 59
3.2 — Sugestões propostas 59
3.2.1 — Sugestões dos realizadores da pesquisa .. 59
3.2.2 — Sugestões apresentadas pelos participantes 61

PARTE III — ANEXOS

N.º 1 — Questionário para o artesão 67
N.º 2 — Questionário para o 1.º intermediário 73
N.º 3 — Questionário para o 2.º intermediário 76
N.º 4 — Questionário para oficina artesanal 80
N.º 5 — Questionário para indústria de beneficiamento 84
N.º 6 — Questionário para o exportador 91

O presente trabalho foi composto e impresso nas oficinas gráficas da IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ
Av. da Universidade, 2932 - Fortaleza